

Crónicas Bibliográficas : Mulher Combatente

Dra.
Manuela Ramalho Eanes



Mulher Combatente

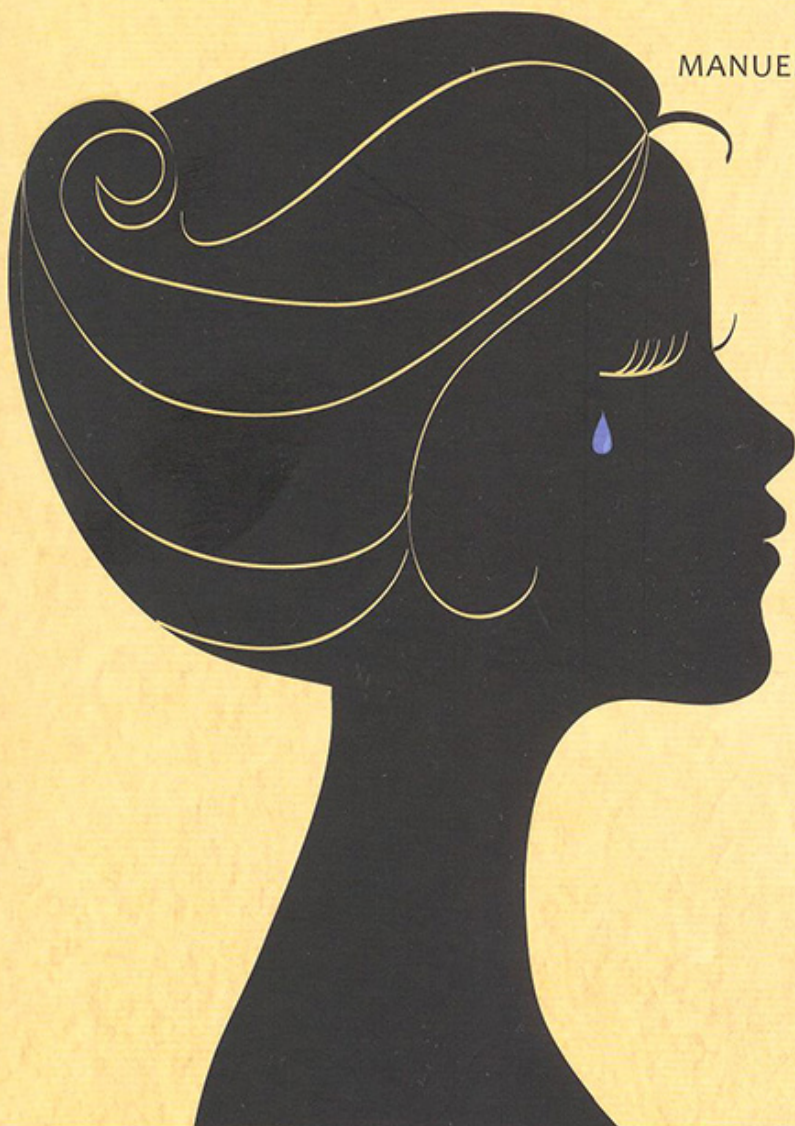
Estilhaços silenciosos da guerra colonial

Lurdes Loureiro

Mulher Combatente

Estilhaços Silenciosos da Guerra Colonial

Prefácio de
MANUELA RAMALHO EANES



EDIÇÕES
MAHATMA

Revista Militar N.º 2542 - Novembro de 2013, pp 1027 - 1028.

:: Neste pdf - página 2 de 4 ::

A pedido de Lurdes Loureiro, autora do livro “Mulheres Combatentes”, para que fizesse o prefácio desta obra, é com profunda solidariedade que presto também a minha homenagem às Mulheres que partilharam e partilham o sofrimento dos seus companheiros com tanta dedicação, contra todos os obstáculos e também com tanta dor e sacrifício.

Porque se trata, pois, de uma homenagem às Mulheres dos Combatentes com deficiências físicas e psicológicas profundas, que viram a sua vida brutal e definitivamente mudada, e com tanto sofrimento e coragem, são as verdadeiras cuidadoras da Família, numa dádiva de tanto afecto e amor, é mais que justo salientar a forte chamada de atenção que é preciso continuar a fazer – por razões de dignidade humana – para a dolorosa situações destes Combatentes, das suas Mulheres e Famílias.

Falar, pois, de sofrimento do Combatente é falar, também, na dolorosa situação da Mulher do Combatente, que vive uma angústia diária, diária, discreta e tantas vezes silenciosa.

Como disse Maria Rosa Colaço, grande amiga, mulher de grande sensibilidade e uma das maiores poetisas do nosso tempo, os Combatentes de guerra fizeram “com o seu sangue, um País de liberdade”. E as suas Mulheres, com muito sofrimento e com muitos sacrifícios, merecem não só a nossa homenagem como serem consideradas com mais justiça e dignidade. Porque só elas sabem bem, como disse Madre Teresa de Calcutá, que “É fácil amar os que estão longe. Mas nem sempre é fácil amar os que vivem ao nosso lado”.

Os testemunhos de vida, doação, fraternidade e sofrimento, muitas vezes nos limites da resistência humana e psicológica nem sempre têm sido considerados na sua verdadeira dimensão. Por isso, os testemunhos chocantes, dramáticos e comoventes de muitas dessas Mulheres incentivam-nos – a todos nós, Estado e Sociedade Civil – a não parar, a não desistir, a continuar a lutar por reformas condignas e apoio social, psicológico e de saúde gratuitos, a quem tiver a seu cargo um grande deficiente.

Neste trabalho é importante uma forte união e coordenação de esforços a nível nacional e europeu, que assim poderão ter mais força nas suas reivindicações.

Penso que nesta área é de salientar o trabalho excelente, de grande dinamismo e dignidade, da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, da Associação APOIAR, que tem dado um especial apoio às vítimas de *stress* pós-traumático e suas Famílias, e ainda da Liga dos Combatentes, com delegações localizadas em todo o País.

De qualquer modo, é preciso continuar a fazer uma grande divulgação para que todos os direitos destes Combatentes e suas Mulheres sejam assegurados, com toda a justiça.

Como diz o poeta, “O caminho faz-se caminhando”. E, efectivamente, é preciso não parar, não desistir e continuar a lutar por reformas condignas, mais apoio social e de saúde, toda a ajuda a quem tiver a seu cargo um grande deficiente.

De salientar, também, neste livro, sobre a Mulher Combatente – tema injustamente silenciado e que tantas marcas de sofrimento tem deixado em numerosas Famílias – vários alertas e reivindicações, e até um guia extremamente útil para as Famílias afectadas pelo *stress* pós traumático, que pode manifestar-se de imediato ou muitos anos depois, e que apenas há cerca de 15 anos acabou por ser reconhecido em Portugal.

Não é o povo que decide a guerra, mas sim o poder político, que por ela opta porque nada lhe custa (porque a subvenciona à custa de outrem, a saber, do povo), mas é sobre o povo que se abate todo o sofrimento da guerra e, como tal, nas palavras de Kant em *A Paz Perpétua*, é “o povo, que a paga, [que deveria] (...) ter voto decisivo sobre se deve ou não haver guerra”.

Luta-se por um País e não por um regime vigente, e a todos estes grande deficientes-heróis, que por todos nós lutaram e a quem todos somos devedores, nada paga a saúde perdida, o desgaste físico e psicológico, a dor imensa das suas Mulheres e familiares.

Tudo o que se fizer é pouco! Porque os direitos têm de ser dignificados e cumpridos por quem, com honra e sacrifício, TUDO deu à sua Pátria, e lhe consagrou, total e definitivamente, o seu maior e distintivo direito – o direito à vida – e o seu maior bem – a própria vida.

Combatentes-heróis, suas Mulheres e Filhos são justamente recordados pelo imortal poeta Fernando Pessoa em *Mar Português* – “Por te cruzarmos, quantas mães choraram/, Quantos filhos em vão rezaram!” Das suas lágrimas é feito o nosso mar. Da sua coragem diária é feita a força que mantém unida a Família – o último reduto de verdadeira solidariedade, o único lugar onde a afectividade e a fraternidade estão associadas.

Dr^a. Manuela Ramalho Eanes

NOTA: A *Revista Militar* felicita a autora do livro e agradece a oferta do exemplar para o acervo da Revista